

**Monólogo para RAPARIGA  
Excerto da peça “Peer Gynt” de Henrik Ibsen**

*(Um lago na montanha, de margens húmidas e pantanosas. Prepara-se uma tempestade. Aase, desesperada, grita e olha em volta. Solveig tem dificuldade em acompanhar-lhe o passo. Os pais dela e Helga seguem um pouco atrás)*

**AASE** - *(Grita)* Peer! Peer! *(Desesperada)* Não adianta, está tudo contra mim: este maldito fjord com as suas avalanches e aquela gentalha que o quer matar! Pobrezinho do meu filho, caiu na tentação do diabo! Mas que parvo! *(Volta-se para Solveig)* Custa a acreditar! Ele, que só sabe mentir e inventar histórias, que nunca fez nada que prestasse, ele que... Nunca sei se hei de rir ou de chorar. Estivemos sempre os dois unidos, nos bons e nos maus tempos. O meu marido, esse, só sabia beber e sair por aí, a esbanjar tudo o que recebeu de herança. E nós ficávamos em casa, o meu menino e eu, a tentar não ver o que se passava. O que mais podíamos fazer? Talvez a culpa seja minha, que nunca chamei o meu marido às falas. É tão difícil enfrentar a realidade, o melhor é esquecer e pensar noutra coisa. Uns agarram-se às garrafas, outros às mentiras, à fantasia. Nós buscávamos refúgio nas histórias da carochinha, nos contos de príncipes, de gnomos, trolls e duendes, de animais encantados e noivas raptadas às portas da igreja. Mas quem iria pensar que essas histórias acabariam por virar a cabeça dele? *(Novamente aterrorizada)* Ai! Que grito é este? Será um vampiro ou um fantasma? Peer! Peer! Ali, ali em cima, na colina!